

Sem escolha, foi guerreira: um estudo sobre o protagonismo de Bia Mulato no Teatro dos castigos

João Vítor Ferreira Nunes

Resumo: Verso, neste artigo, sobre os Ritos de Passagem (GENNEP, 2011) de Bia Mulato, mais precisamente acerca de seu protagonismo no Teatro dos Castigos (FOUCAULT, 1987), ocorrido no Sertão Potiguar, cuja visibilidade social, através da violência (FEDERICI, 2004), possibilitou que a mesma lutasse pela sua liberdade (ESTES, 1994^a; 2007b; DESPENTES, 2016). A corrente empreitada é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada no PPGArC da UFRN e fora avistado no horizonte das entranhas d'alma do artista-pesquisador sua energia ânima (JUNG, 2000), desembocando assim em uma cena performativa intitulada BIA-BOA.

Palavras-chave: Energia Ânima, Liberdade Feminina, Ritos de Passagem, Teatro dos Castigos

Without choice, she was brave: a study on the protagonist role of Bia Mulato in the Theatre of punishment

Abstract: This paper addresses the rites of passage (GENNEP, 2011) of Bia Mulato, focusing on her protagonist role in the Theater of Punishment (FOUCAULT, 1987) that occurred in the countryside of Rio Grande do Norte, Brazil, whose social visibility through violence (FEDERICI, 2004) evoked the search for freedom (ESTES, 1994^a; 2007b; DESPENTES, 2016). This paper resulted from a master's research conducted in the PPGArC of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). Furthermore, it aims to create a performative communication with the anima-energy (JUNG, 2000) encountered in the entails of the artist-researcher's soul. Such anima-energy was unveiled through the scene, reaching a performative play known as BIA-BOA.

Keywords: Anima-energy, Female freedom, Rites of passage, Theatre of Punishment

¹ Artista-docente em formação. Doutoranda em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT UDESC). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGArC UFRN). Graduada em Teatro pela UFRN e Pedagogia pela UNINASSAU. Trafega pelos solos das artes, pesquisando teorias femininas, feministas, pelo viés da ânima/animus e de gênero, ritos, mitos, arquétipos, ego e sombra, atrelado as linguagens do Teatro, da Dança e da Performance, chegando a comunicações pelas vias da fala/cena.

Em *Vigiar e Punir* (1987), o teórico Michel Foucault nos apresenta a gênese do nascimento das prisões e agressões ao ar livre, como modos de reenquadramento dos sujeitos nas sociedades. Os agressores pensavam que a punição física seria a melhor maneira de “educar” os maus educados, os criminosos, as audaciosas, as bruxas e curandeiras, após os delitos. As inúmeras violências praticadas contra os corpos das/os condenadas/os aconteciam em praças públicas, para que os espectadores vissem, se amedrontassem e não ousassem cometer crimes.

Por décadas, os corpos alheios foram utilizados como modelo negativo às sociedades. Não posso deixar de dizer que aquelas/es que se redimiam ou que chegavam a confessar os crimes, mesmo que não tivessem sido elas/es as/os praticantes, eram perdoadas/os somente após sofrer atos de violência, tornando-se assim corpos dóceis nas sociedades, tendo em vista que, para o teórico, dóceis são aqueles corpos capazes de serem moldados. E, aquelas/es que insistiam em se inocentar, afirmando que não tinham sido elas/es as/os criminosas/os, podiam chegar à fase do suplício pois, segundo os acusadores, como não houve arrependimento, não poderia existir o perdão e a inocência.

A correção individual deve então realizar o processo de requalificação do indivíduo como sujeito de direito, pelo reforço dos sistemas de sinais e das representações que fazem circular. O aparelho da penalidade corretiva age de maneira totalmente diversa. O ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias; a alma, também, mas na medida em que é sede de hábitos.²

A punição ao ar livre chegou a ser conhecida como Teatro dos Castigos após ter conquistado, desde o século XVIII, um alto grau de entretenimento dentro das sociedades. Dessa forma, tornou-se cultural os indivíduos irem às praças e espaços públicos presenciar os suplícios alheios.

Eis então como devemos imaginar a cidade punitiva. Nas encruzilhadas, nos jardins, à beira das estradas que são refeitas ou das pontes que são construídas, em oficinas abertas a todos, no fundo de minas que serão visitadas, mil pequenos teatros de castigos. Para cada crime, sua lei; para cada criminoso, sua pena. Pena visível, pena loquaz, que diz tudo, que explica, se justifica, convence: placas, bonés, cartazes,

² Foucault, 1987, p. 147 – 148.

tabuletas, símbolos, textos lidos ou impressos, isso tudo repete incansavelmente o Código. Cenários, perspectivas, efeitos de ótica, fachadas às vezes ampliam a cena, tornam-na mais temível, mas também mais clara. Do lugar onde está colocado o público, poder-se-ia acreditar em certas crueldades [...]. Mas o essencial, para essas severidades reais ou ampliadas, é que [...] todas elas sirvam de lição: que cada castigo seja um apólogo. E que, em contraponto a todos os exemplos diretos de virtude, se possam a cada instante encontrar, como uma cena viva, as desgraças do vício. Em torno de cada uma dessas “representações” morais, os escolares se comprimirão com seus professores e os adultos aprenderão que lição ensinar aos filhos. Não mais o grande ritual aterrorizante dos suplícios, mas no correr dos dias e pelas ruas esse teatro sério, com suas cenas múltiplas e persuasivas. E a memória popular reproduzirá em seus boatos o discurso austero da lei.³

Fez-se necessária essa breve apresentação para falar sobre o termo Teatro dos Castigos, e, de agora em diante, dedico-me a apresentar o *protagonismo* nefasto de Bia Mulato no cenário violento, cuja vida, da infância à adolescência, foi sofrida por ela ter sido utilizada como modelo negativo para as pessoas à sua volta em pleno Sertão Potiguar, ao dizer inúmeros NÃOS aos padrões *hetero-patriarcais* e hegemônicos de gênero. Em solos áridos, em meio à seca, à falta de afetos e de alimentação, pude notar, através da Pesquisa de Escuta realizada, que o machismo e a misoginia brotavam junto aos matos, flores e cactos devido à educação padrão imposta para os sexos. As famílias seguiam rigorosamente o que era determinado pelos seus antepassados, inclusive as/os Mulatos, e, assim, eis que nasceu Bia.

Entende-se por Pesquisa de Escuta, procedimento realizado pelo então pesquisador, o ato de ouvir pessoas que possuem histórias orais a serem contadas, a fim de documentar e levar, a posteriori, para a cena performativa. Essa Pesquisa de Escuta foi realizada no estado do Rio Grande do Norte, em meio às mulheres e amigas/os da família Mulato, onde foram ouvidos os ritos de Bia Mulato.

Os ritos de bia mulato no sertão potiguar: do encarceramento à liberdade

[...] a mulher corajosa não tem medo de investigar o pior. Isso garantirá um aumento no poder de sua alma através das percepções e oportunidades dadas para reexaminar a sua vida e seu próprio eu. Neste tipo de exploração agrícola de sua

³ Foucault, 1987, p. 132 – 133.

psique, brilha a mulher selvagem. Não teme a escuridão mais escura porque, na verdade, ela pode ver no escuro.⁴

Enquanto as meninas ingeriam o leite materno a fim de ficarem fortes, já era entoado aos pés de seus ouvidos a educação padrão que elas deveriam seguir, e o mesmo acontecia com os meninos. Desde muito cedo, foi ensinado às meninas/mulheres que elas haviam nascido para cuidar da casa, enquanto os meninos/homens eram obrigados a trabalhar no roçado, cultivando plantas e hortaliças. Para além da inserção dos homens na roça, diziam que em um futuro breve eles se tornariam o eixo do lar, ou seja, a base, o pilar, e com isso eram ensinados a serem violentos e destemidos, viris e cortantes.

Bia, ainda criança, começou a observar como sua mãe e irmãs eram tratadas pelos homens de sua família, principalmente pelo seu pai, Zé Mulato, e passou a questioná-lo sobre o tratamento de extrema violência dado a elas. Como não era capaz de dar respostas plausíveis à Bia, seu pai passou a agredir a menina psicologicamente, falando que as mulheres nasceram para serem domadas e que brevemente chegaria sua vez. Muitas vezes as mulheres da família Mulato, segundo Bia, chegavam a desejar a morte só para não sofrer mais nenhum tipo de violência da parte dos homens misóginos. Infelizmente, o autoritarismo masculino imperava naquele lar.

Ao se deparar com situações em que as mulheres eram reprimidas, a menina Mulato se colocava à frente, ainda criança, e dizia que elas não mereciam ser tratadas daquela forma, e então, a partir de suas ações em busca da liberdade feminina, começou a ser agredida. Seu desejo era apenas contribuir para a desconstrução hegemônica da educação padrão para os sexos, em que as mulheres tinham que ser submissas e humilhadas. Recorda-se que em uma das várias vezes que Zé Mulato brigava com suas irmãs, por elas não terem arrumado a casa, ela gritou com ele, dizendo que não falasse daquela forma com elas. Logo, seu pai agarrou-se em uma de suas orelhas e gritou, ainda mais alto, que sua autoridade não era nada na casa dele e que todas/os que lá habitavam tinham que obedecer às regras impostas por ele, senão sofreriam severas punições. Enquanto a massacrava com os dedos, ele olhava para as demais mulheres da casa dizendo a seguinte frase: *caso vocês me*

⁴ Estés, 1994^a, p. 60.

desobedeçam ou gritem comigo, como fez Bia, vão sofrer como ela está sofrendo.

Deu-se início, ainda na infância, o protagonismo da menina em meio a nefastos episódios de violência. Ao longo de minha pesquisa de mestrado, em que Bia era o ser de contemplação, vi o quanto, “no fundo, a agressão ao corpo da mulher é uma agressão de longo alcance que atinge tanto os que vieram antes dela quanto os que chegarão depois” (ESTES, 2007^b, p. 151), uma vez que quando ouvi ela me contar seus ritos, me sentia imensamente inundada pela tristeza.

Na tentativa de “disciplinar” suas filhas, via agressões físicas, ele se apropriou daquele pequeno corpo feminino, destacando e expondo que os corpos das mulheres eram perfeitos para a implementação das técnicas e relações de poder (FEDERICI, 2004). Zé Mulato pouco sabia que havia também formas saudáveis de educar as filhas e os filhos, e quem nos explana isso é a pesquisadora francesa, feminista, Virginie Despentes, em seu livro *Teoria King Kong* (2016), dizendo:

O olhar do pai em relação à criança constitui uma revolução de grande potencial. Os pais podem fazer com que suas filhas entendam que elas possuem uma experiência própria, fora do mercado da sedução, que elas são dotadas de força física, de espírito empreendedor e de independência, e podem valorizá-las por essa força sem medo de um castigo iminente.⁵

Bia, certa vez, afirmou em seu lar, na frente de seu pai, que não aguentava mais trabalhar em casa, fazendo as atividades destinadas para as mulheres. A partir de seu dito, Zé Mulato a mudou de “carga” na família, colocando-a para trabalhar com seus irmãos no roçado. Ela foi a única mulher do lar a trabalhar na roça por não se enquadrar ao que foi imposto. Levá-la para o roçado foi apenas mais uma forma de puni-la. No mais, houve coisas positivas, segundo Bia Mulato. Ao longo das idas para a roça, a partir dessa mudança de tarefa, ela tornou-se amiga de Maria Saldanha, a mulher mais bonita de Sítio do Angico (RN). Ou, como também era conhecida, a Santa do Sertão Potiguar.

Maria era uma mulher negra, forte de tudo, de grande beleza, educação invejável e inteligência incalculável. Bia, em pele de raposa, passou a observar Maria Saldanha às escondidas. A menina Mulato mapeava

⁵ Despentes, 2016, p. 22.

aquela mulher de forma integral: cada movimento, cada forma de falar, para, ao se olhar em objetos que refletissem sua imagem, ver, no reflexo, o da Santa do Sertão. Para ela, ter contato com Maria Saldanha era um presente divino. Sobre a vida de Maria Saldanha, consegui alcançar informações de que ela também foi uma pessoa massacrada pela violência, também protagonizando situações nefastas por ser mulher e ir contra o sistema patriarcal.

Devido à tanta intolerância, ela foi expulsa de sua cidade, Catolé do Rocha (PB) e foi fazer morada em Sítio do Angico (RN). A Santa do Sertão tentou, de várias formas, que ninguém soubesse de seus desejos e, principalmente, de seu maior segredo. Pela manhã, ela era mais uma beata na cidade e à noite uma meretriz, utilizando sua própria casa como âmbito de trabalho. Fora os homens, seus cúmplices no povoado, Bia, ainda uma criança, foi a única mulher que ficou sabendo do segredo. Maria só contou para ela por ter visto algo bom na menina, sendo ela a única amiga da mulher santa.

Vi o quanto Maria Saldanha teve que se revestir com várias camadas de pele para poder ser aceita e respeitada pelos conservadores de Sítio do Angico. Ou seja, ela não podia falar sobre seu passado, desejos, nem tão pouco sua profissão de prostituta. Despententes diz que “é necessário manter a prostituição na vergonha e no escuro para proteger o máximo possível a célula familiar clássica” (2016, p. 72). Com isso, muitas pessoas acreditam que trocar serviços sexuais por desejos ou dinheiro é um atentado à dignidade de todas as mulheres, sendo este um dos vastos motivos de qualificarem a prostituição como algo errado, e isso reforça que a prostituição nunca poderá ser exercida em condições confortáveis. Dessa forma, impedem que as mulheres tenham o direito ao seu próprio corpo e, sobretudo, segundo a autora, dominar a decisão de escolhas.

Desde a infância, por volta dos 10 anos de idade, Bia Mulato tomou como referência de mulher uma pessoa que se prostituía, mesmo sendo tocaiada. Para Bia, ser livre era ser como Maria Saldanha, entretanto, “quando se é uma mulher livre, as coisas são muito mais difíceis de administrar, definitivamente menos leves” (DESPENTES, 2016, p. 59), e quem faz com que todas se sintam assim é o próprio sistema machista e misógino. Devo apontar, a partir de Clarissa Pinkola Estés, que,

Há mulheres na vida real que são grandes genitoras de gestação de ideias, processos, genealogias, criaturas, períodos da sua própria arte... sempre se tornando mais sábias e se manifestando dessa forma. Existem mentoras, graças que ensinam, as que orientam alunos e quem quiser aprender, escritoras e pintoras

iniciantes, e as maduras também, porque as mulheres maduras também precisam de carinho e orientação para florescer numa estação atrás da outra [...].⁶

Ventando o mundo e inundada de felicidade, correu a menina Bia em direção à sua casa. Já na residência, eis que subiu em um banco, era o horário do almoço, e disse sorridente que ao crescer não será como sua mãe, Chiquinha Mulato, uma mulher demasiadamente golpeada pelo machismo e misoginia, e que não se arrumava. Seria como Maria Saldanha, a mulher santa, uma moça muito bonita e adorada por todas e todos, ou seja, uma Rapariga. Faz-se mister reforçar que Bia Mulato quando criança acreditava que uma mulher que fosse chamada ou que se intitulava de rapariga, era como Maria Saldanha: educada, bonita e cheirosa. Jamais passou por sua cabeça de que ser uma rapariga era ser uma mulher que comercializava o próprio corpo.

Ao ouvir o que a menina tivera dito, Zé, o típico nordestino bruto, agarrou-se em seus longos cabelos cacheados, a arrastou até o terreiro, atirando-a ao chão. Naquele exato momento, uma enorme plateia se formou e Bia, mais uma vez, foi usada como modelo negativo. Os espetáculos de que ela participava só faziam denegrir sua imagem. Dentre as violências físicas sofridas, aquela foi a mais violenta, a mais brutal, uma vez que chegou a defecar e urinar nas vestes de tanto apanhar.

[...] como uma grande árvore que quando ameaçada pela doença, golpeada pela intempérie, agredida pela fúria do homem, se recusa a morrer e, milagrosamente e com enorme dose de paciência e persistência, continua a nutrir-se através das próprias raízes, restaura-se e renasce para manter o próprio espírito vital de forma a poder gerar novos frutos, aos quais confiará esta herança inestimável.⁷

Articulando novas opressões contra sua própria filha, Zé Mulato traçou obrigações para a menina. Ele a ordenou a sair de casa às 04:00h da madrugada para pegar água no açude, enquanto suas irmãs e irmãos dormiam. Ao chegar a sua casa, ele fazia com que ela se alimentasse rapidamente para ir ao roçado trabalhar, enquanto suas irmãs e irmãos iam à escola. Bia, então, perguntou os motivos de não poder frequentar a instituição, e ele respondeu: “você não pode e nem vai à escola, pois se aprender a ler e escrever só vai fazer cartas para machos, e eu já falei

⁶ Estés, 2007^b, p. 14.

⁷ Estés, 2007^b, 1^a contracapa.

que filha minha não vai ser uma rapariga”. A partir disso foi que aquele homem brutal moveu comoções e revoltas na vida da própria filha.

Punições menos diretamente físicas, uma certa discrição na arte de fazer sofrer, um arranjo de sofrimentos mais sutis, mais velados e despojados de ostentação, merecerá tudo isso acaso um tratamento à parte, sendo apenas o efeito sem dúvida de novos arranjos com maior profundidade?⁸

Ao atingir certa idade, a menina Mulato foi cogitada a casar-se, mesmo sem seu consentimento ou vontade. Como ela não tinha desejo de ser governada por homens, resolveu tramar coisas para ficar mal falada no povoado, só para não se casar. Ela, na adolescência, organizou motins femininos, a fim de influenciar as mulheres do povoado a se rebelarem. Além do mais, começou a sair de casa sozinha para as festas da cidade. Em resumo, ela nunca soube o que era desistir de si, da própria liberdade. Não pensemos em Bia Mulato, mesmo ainda criança ou adolescente, como alguém inferior ou súdita de outrem, mas sim do tipo oposto: forte e valente.

Entre agressões, castigos e palavras ofensivas, o verde do canavial e o líquido vermelho que jorrava todos os meses de seu interior, Bia partiu em busca de sua liberdade. Mas de tanto buscá-la, acabou sendo capturada, agredida e exposta feito bicho selvagem. Mais uma vez ela protagonizou o Teatro dos Castigos, mas dessa vez em praça pública. Logo, foi expulsa, pois passou a ocupar um lugar de vergonha familiar. Deu-se aí seu rito de separação, que, segundo Genep (2011), entende-se como momentos de despedidas, sejam de modos espontâneos ou de forma obrigatória. Demarcam-se separações como atravessamentos de fronteiras, mortes. No caso de Bia, seu rito de separação se deu pelo fato de suas atitudes serem lidas como desgovernadas pelos conservadores.

Realizando buscas por materiais que abordavam processos históricos sobre a gênese da violência contra corpos femininos, deparei-me com a obra literária *Calibã e a Bruxa* (2004), escrita por Silvia Federici. A autora aponta que a “falsa” educação corporal contra as mulheres iniciou-se na Europa, no século XV, se espalhou por todo o mundo feito uma grande pandemia, aprofundando-se em muitas práticas nos séculos seguintes. Afirmo a autora:

⁸ Foucault, 1987, p. 12.

As bruxas sempre foram mulheres que se atreveram a ser corajosas, agressivas, inteligentes, não conformistas, curiosas, independentes, sexualmente liberadas, revolucionárias [...] WITCH vive e ri em cada mulher. Ela é a parte livre de cada uma de nós [...] Você é uma Bruxa pelo fato de ser mulher, indomável, desvairada, alegre e imortal.⁹

Devido àquele nefasto episódio de violência, Bia, a moça-mulher selvagem pegou o primeiro pau de arara que viu em sua frente, na intenção de sair daquele lugar. O carro tinha como destino final a cidade de Brasília, Distrito Federal, entretanto, algo deu errado e o mesmo teve o fim de seu percurso em Natal, ainda no Rio Grande do Norte. Lá estava Bia, em Natal, achando que havia chegado à Brasília. Enquanto atravessava um grande rito de separação, logo outros estavam a lhe espreitar, como os ritos de agregação. Gennep elucida que este rito acontece quando nós nos despedimos de lugares e/ou pessoas e somos acolhidas/acalentadas por novos braços, em novos berços.

Distante das pessoas que amava, Bia Mulato conheceu muitas outras. Iniciou seu trabalho como doméstica na capital do seu estado. Entre inúmeros afetos, viu o que era abuso e isso vinha da parte de seus patrões. Tal agressão contra seu corpo fez com que a mesma desistisse de continuar como doméstica. Desacreditada após esses episódios, foi movida pelo destino para ir ao bairro mais boêmio da capital do RN, o da Ribeira, Cidade Alta, a convite de um amigo. Lá ficou encantada pelas luzes da noite e, rapidamente, foi parar na casa da Grande Dama da Noite, Maria Boa. Bia apresentou-se à Maria como Cantora, embora nunca tivesse cantado profissionalmente na vida. Sua única experiência com o cantar havia sido no Sertão, junto aos pássaros que ela possibilitava ser livre abrindo as gaiolas. Em pouco tempo, devido um enorme cálculo de sobrevivência, Bia Mulato tornou-se a estrela da noite potiguar bem como meretriz, a mulher mais esperada e desejada daquela época.

“Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem.” E todos os animais, nós incluídas, por meros momentos, voltávamos a ser selvagens. [...] quando uma criatura resolve se dedicar a viver do modo mais pleno possível, muitas outras que estiverem por perto se “deixarão contagiar.” Apesar das barreiras, do confinamento, até mesmo de lesões, se alguém se determinar a superar tudo para viver plenamente, a partir daí outros também o farão, e esses outros incluem filhos, companheiros, amigos, colegas de trabalho, desconhecidos, animais, e flores.

⁹ Moran, 1970, p. 605 – 606 *apud* Federici, 2004, p. 296

“Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem.” Esse é o principal imperativo da mulher sábia. Viver para que outros também se inspirem. Viver do nosso próprio jeito vibrante para que outros aprendam conosco.¹⁰

Sua participação no cenário artístico potiguar se deu no período da Segunda Guerra Mundial, e a cidade de Natal foi berço dos guerrilheiros. Bia Mulato permaneceu durante anos trabalhando como cantora nas casas noturnas e atuando, independentemente, como prostituta. Ela se despediu de sua vida boêmia aos 65 anos de idade, quando, enfim, conheceu um homem; aquele que havia se tornado, primeiramente, seu fã e admirador, chamado Eriberto Lino. Ele foi o único que a tratou bem durante toda sua jornada. Lá se iam os dois, de mãos atadas, se despedirem das casas noturnas que Bia encantou. As donas dos estabelecimentos lamentaram a despedida da grande estrela. O casal passou apenas três meses juntos, por Eriberto, aos 31 anos de idade, ter sido assassinado em uma emboscada. Disse-me Bia que aquele homem de verdade tinha apenas uma missão em sua vida: amá-la e respeitá-la tal como esperava e merecia ser, apresentando-lhe assim o amor. Hoje, Bia Mulato é nutrida pelo seu passado, e repetidas vezes ela diz: “eu me deito na cama da saudade e me envolvo no manto da tristeza...”

¹⁰ Estés, 2007b, p. 16.



11

Sem direito de escolha, foi guerreira: resumo da luta pela liberdade

[...] o próprio fato de viver exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento.¹²

Desde o início de sua vida, no século XX, em pleno Sertão Potiguar, o que Bia Mulato sempre almejou foi sua liberdade de escolha e expressão. De ser vista como uma menina/mulher cheia de atributos, sobretudo coragem e independência. Em seu lar, ainda na infância, começou a ver os tratamentos que as mulheres tinham por simplesmente serem mulheres, pois imperava ali uma grande desigualdade de gênero. As mulheres daquela família eram colocadas, desde seu nascimento, em um lugar de subalternidade e, percebendo essa tentativa de silenciamento e invisibilidade, Bia iniciou, ainda pequena, a lutar em prol da emancipação feminina, sobretudo em seu lar, travando batalhas contra o masculino opressor. As violências sofridas pelos subalternizados, segundo Spivak, coloca-os em um traçado de obscuridade, sobretudo as mulheres. As dominações *hetero-masculinistas* perpetuam fortemente no que entendemos por desigualdades de gênero. E, frente ao que fora imposto, a pesquisadora completa:

¹¹ Na imagem, Bia Mulato, arquivo pessoal da Artista-pesquisadora

¹² Genep, 2011, p. 26.

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à mulher como um item respeitoso nas listas de prioridade global. A representação não definiu. A mulher intelectual como intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.¹³

Refletindo sobre os atos de Bia e Maria, da busca pela liberdade e pelo direito de escolha, cheguei outrora a me questionar se ambas as mulheres eram feministas devido às suas ações em pleno sertão, mesmo se ainda não sabiam da existência dessa palavra, ou de sua etimologia. A partir da pesquisadora Marcia Tiburi, *Feminismo em Comum* (2018), pude perceber que,

Para começarmos nosso processo de compreensão sobre o feminismo, podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso; corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência.¹⁴

Bia temia casamentos por ver como os homens tratavam as mulheres, e sempre acreditou que vidas femininas não precisam ser assim, cheias de imposições e tolhidas por regras. E foi através de suas batalhas travadas com os homens, em especial seu pai, que ela começou a ser mal vista por todos, e, respectivamente, sofrer punições. Enquanto os homens daquele período passavam adiante uma imagem ou metáfora de poder, as mulheres eram vistas como inferiores. Acreditavam, com veemência, que, para uma mulher ser reconhecida socialmente, ela deveria assumir uma casa. Poucas pessoas, incluindo algumas mulheres, conseguem imaginar suas vidas, e a vida de outras, separadas do seio familiar, e ainda julgam que nenhuma mulher deve se beneficiar de seus serviços sexuais fora do casamento. Assim, em nenhum caso a mulher é considerada suficientemente adulta para decidir comercializar seus encantos e a ideia de que a pornografia gira em torno do falo é surpreendente (DESPENTES, 2016). Dos poucos lugares que frequentou ao longo de sua vida, Bia conta que os mais providos de afetos eram considerados os mais errados: a casa de Maria Saldanha e a casa noturna de Maria Boa. Nas noites em claro, recebia elogios e afagos – o que mais

¹³ Spivak, 2014, p. 126

¹⁴ Tiburi, 2018, p. 12.

lhe faltou em Sítio do Angico -, mesmo ocupando um espaço no bordel, e que houvesse por trás dos afetos más intenções.

A partir de seus feitos, ficou marcada pelos familiares, tanto os do passado, como os do presente, como uma pessoa desgovernada, indigna de respeito e amor. Ela foi a primeira de toda família a ser colocada como protagonista em episódios que envolviam a violência contra o corpo Feminino, tendo mais tarde seu corpo exposto em praça pública. Foi humilhada, agredida, chameuscada e alijada por quem deveria protegê-la. Perdura-se, até o presente momento, uma cultura de alijar mulheres de seus berços, e assim estamos vendo nossas irmãs serem depredadas, agredidas e humilhadas ao se manifestarem. O fato é que enquadro neste aspecto todos os tipos de mulheres existentes. Deixo claro que “embora a película externa da alma seja magoada, arranhada ou chameuscada, ela se regenera de qualquer modo. Repetidas vezes, a pele da alma retorna a seu estado primitivo [...]” (ESTES, 2007^b, p. 67). Despentes diz:

É claro que é difícil ser uma mulher. Medos, obrigações, imperativos de silêncio, chamadas à ordem que têm durado um bom tempo, um festival de limitações imbecis e estéreis. Sempre estrangeiras que devem fazer o trabalho sujo, fornecer a matéria-prima e abaixar a cabeça... Mas, comparado ao que é ser um homem, parece uma brincadeira de criança... Porque, finalmente, não somos as mais aterrorizadas, nem as mais desarmadas, nem as mais entravadas. O sexo da resistência, da coragem, sempre foi o nosso.¹⁵

Quando jovem, Bia Mulato foi considerada a doença que os homens e o patriarcado tentaram vencer, entretanto, nenhum deles teve a capacidade de inventar antídotos capazes de matar ou arruinar tal moléstia. Enquanto, para Bia, suas atitudes eram sinônimos de auto-liberdade, para eles eram ações desgovernadas. Bia é aquela que encoraja, até o presente momento, todas as outras de sua família, pois “uma mulher iluminada assim não consegue encontrar o próprio caminho à luz de uma vela ou à luz das estrelas, sem também lançar luz para as outras” (ESTES, 2007^b, p. 62 – 63).

Algumas considerações sobre os caminhos percorridos pela artista-pesquisadora

¹⁵ Despentes, 2016, p. 121.

Com frequência, homens, e mesmo mulheres, questionaram-me sobre o desencadear de pesquisas voltadas à valorização do Feminino em diferentes contextos, cuja imersão nos estudos deu-se início em 2012, em contexto de graduações. Com a seguinte resposta, rebatia: infelizmente eu pertenço a uma família que sempre enalteceu a virilidade masculina e denegriu a feminina, e tudo aquilo que é visto ou qualificado enquanto Feminino era, automaticamente, posto em um traço de inferioridade, digno de punição. Eu, enquanto um ser Feminino, por ter sido tão devastada, dediquei-me a estudar sobre as teorias de gênero e suas resistências, lutando assim em prol de um mundo melhor para todos os tipos de mulheres existentes. Devemos reconhecer que tais lutas não devem ser travadas apenas por mulheres, mas sim por toda sociedade, por tratar-se de uma luta humana e não somente de um gênero específico.

Acerca da participação de toda gente nas lutas, Marcia Tiburi diz:

O feminismo nos leva à luta por direito de todas, todes e todos. Todas porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. Todes porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida. Todos porque quem luta por certa idéia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies), e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático, coisa que o mundo machista – conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à realização. Para começarmos nosso processo de compreensão sobre o feminismo, podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado.¹⁶

Concomitante a isso, desejo apontar que o corrente material é resultado de uma pesquisa de mestrado em artes cênica, realizada no PPGArC da UFRN, entre os anos de 2017 a 2019, cujo processo de Pesquisa de Escuta aconteceu em meu próprio seio familiar, o qual já gestava, desde 2013, a realização dessa empreitada, a fim de homenagear a matriarca de minha família. Não posso deixar de explicitar que toda empreitada afinou laços entre eu e as/os membros de minha família Mulato.

¹⁶ Tiburi, 2018, p. 11 – 12.

Bia, dessa forma, me guiou, por meio de sua figura, à elaboração performática, atingindo assim o grau avançado da criação em que destampeei seus ritos de passagem através da cena. Ao ir para as salas de ensaio munida das histórias de Bia Mulato, passei a transformá-las em repertórios cênicos nas artes da cena, a fim de levantar uma comunicação performativa a partir da fricção entre a figura de Bia e a minha energia *ânima*. Segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000), *ânima* é as imagens arquetípicas que encontram-se dentro e fora de nós, seres masculinos, as quais passam a nos atravessar e fazer parte de nossa realidade.

A partir de toda a trama pude ver a comunicação BIA-BOA nascer por meio de processos míticos e ritualísticos, os quais eu me lançava em direção a mim mesma enquanto realizava as imersões. Desse modo, as imagens arquetípicas que me espelhei foram das mulheres sertanejas e religiosas, das guerreiras e Amazonas, cujas figuras me remetiam à Bia Mulato. Passei a mirar nesses arquétipos e em Bia, na intenção de ver entrar em erupção a Bia que em minhas entranhas d'alma habita.

Na comunicação performativa, tive como ato político desencarcerar as mulheres que habitam dentro de mim, bem como falar sobre aquelas que estão à minha volta, para então erguermos, através da cena performativa, todas as bandeiras da resistência feminina, enlaçando as teorias de gênero e as violências sofridas pelas mulheres. Nesse remontar e recontar histórias orais, tenho feito ramificar ritos femininos, cujo propósito é fomentar, através das artes da cena, as histórias das mulheres que me inspiram e me ajudam a seguir adiante, tal como Bia Mulato, minha avó materna.



17

¹⁷ Imagem da performance BIA-BOA, qualificação de mestrado em 01 de março de 2019. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora. Foto: André Rosa.



18

¹⁸ Na imagem, a artista-pesquisadora com Bia Mulato, sua avó, ao fim da performance BIA-BOA. Qualificação de mestrado em 01 de março de 2019. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora. Foto: André Rosa.

Referências Bibliográficas

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Virginie Despentes; São Paulo, 2016.

ESTES, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994^a.

_____. *A ciranda das mulheres sábias*: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 2007^b.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Mercuryo, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOHNSON, Robert Alex. *He*: a chave do entendimento da psicologia masculina: uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológicos junguianos. São Paulo: Mercuryo, 1987.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*: para todas, todes e todos. Marcia Tiburi. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Recebido: 23 de novembro de 2019; Aceito: 08 de março de 2020

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

